ISBN Nº: 978-65-89908-84-5

POR UMA FORMA DE REINVENTAR A VIDA: A URGÊNCIA DA ESCRITA DISSIDENTE NO BRASIL

XXII ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO MINAS GERAIS: Produzindo vozes em tempos de necropolítica, 0ª edição, de 04/09/2021 a 07/09/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-84-5

UFF); Mariana Porto da Silva Cordeiro Fernandes (Aluna do curso de graduação em Psicologia da [1], UFF); Waldenilson Teixeira Ramos (Aluno do curso de graduação em Psicologia da [2], UFF); Amanda Castellain Mayworm (Aluna do curso de graduação em Psicologia da [3], UFF); Marcia Cristina de Oliveira Ramos (Aluna do curso de graduação em Psicologia da [4], UFF); Nuno Lomardo Carneiro da Silva (Aluno do curso de graduação em Psicologia da [5], UFF); Ana Clara Cruz Lopes (Aluna do curso de graduação em Psicologia da [6]

RESUMO

Modalidade: Roda de Conversa Eixo: 5. Psicologia Social Crítica, Política e Democracia Ao se traçar uma análise da conjuntura política do Brasil, percebe-se práticas discursivas que reproduzem o desejo de extermínio das diferenças. No dia 28 de abril de 2020, o presidente Bolsonaro, ao ser informado que o Brasil ultrapassou a China no número de vítimas pela COVID-19, respondeu com o emblemático: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”. De lá para cá, o maior representante do Executivo brasileiro segue sendo alvo de manchetes de jornais pelos seus discursos propagadores de repúdio às minorias e ataque às garantias e conquistas dos Direitos Humanos. Diante das mais de 550 mil mortes por uma doença que já tem vacina, cabe pensar que o descaso dessa fala exemplifica uma estrutura governamental cuja asfixia do outro parece ser motivo de gozo. Tal imagem explicita uma tecnologia política que pretende naturalizar e desprezar a vida daqueles tidos como dispensáveis. Reconhecendo os compromissos para com os Direitos Humanos, faz-se urgente colocarmos sob análise as práticas discursivas que visam propagar ódio e ataque às minorias. Ainda cabe investigarmos uma das formas de combate ao neofascismo atual: a escrita tecida por corpos dissidentes. Tendo como fio condutor as leituras e discussões promovidas na iniciação científica “Poéticas e políticas de transmissibilidade em pesquisa em Psicologia Social”, da UFF, nos deparamos com a irrevogabilidade de adentrarmos nas disputas discursivas envolvendo a garantia dos Direitos Humanos no Brasil. Percebendo o cenário de aprofundamento das violências de Estado, no qual corpos marginalizados são assassinados pela fome, pelo frio, pela bala e pela Covid-19, apostamos na urgência da escrita como forma de afirmação ético-política e estética do viver. Seguindo Lívia Maria Natália de Souza, entendemos que a literatura produzida por sujeitos subalternizados se difere da canônica devido a sua capacidade de ir além da representação, empregada pelos discursos hegemônicos, os quais, ao se aterem na dicotomia ficção-realidade, limitam as potencialidades da vida. No discurso expressivo, a intimidade de quem escreve com o assunto escrito possibilita uma organização estética que, além de narrar elementos e cenas que tendem a ficar marginalizados, o faz de forma a subverter, no próprio texto, a realidade e reivindicar a força da vida. Tal

[1] Universidade Federal Fluminense, portomariana@id.uff.br
[2] Universidade Federal Fluminense, waldenilsonramos@id.uff.br
[3] Universidade Federal Fluminense, amandacastellain@id.uff.br
[4] Universidade Federal Fluminense, Marcia_ramos@id.uff.br
[5] Universidade Federal Fluminense, nunolcs@id.uff.br
[6] Universidade Federal Fluminense, anaccl@id.uff.br

insurgência se dá na medida em que, nessa Literatura Menor, quem escreve transgride a posição de subalternidade, onde o silenciamento e a estereotipização fazem-se sistemáticos. É dessa maneira que, embora a enunciação comece por um indivíduo, ela ganha caráter público e político. Assim, pela capacidade de resistência e reexistência do contar histórias, urge a irrevogabilidade da escrita tecida por corpos subalternizados, de modo a pluralizar as existências e não encerrá-las em uma história única.

Tal narrar marcado faz-se instrumento de combate aos discursos que visam legitimar, do alto de sua suposta superioridade, o genocídio e epistemícidio de minorias, como o do presidente do Brasil. Portanto, contar histórias torna-se uma forma de fissurar tais narrativas únicas e mortificantes, que negam o direito do outro de existir - sendo este um crime à vida. Denunciemo-lo!

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Social, Literatura Menor, Insurgência

[1] Universidade Federal Fluminense, portomariana@id.uff.br
[2] Universidade Federal Fluminense, waldenilsonramos@id.uff.br
[3] Universidade Federal Fluminense, amandacastellain@id.uff.br
[4] Universidade Federal Fluminense, Marcia_ramos@id.uff.br
[5] Universidade Federal Fluminense, nunolcs@id.uff.br
[6] Universidade Federal Fluminense, anaccl@id.uff.br